

Diretor: Vítor Manuel
Gomes Rafael, OFM

Ano LXXVIII, N.º 321
outubro de 2015
Preço: 0,50€

Missões

PAZ E BEM

FRANCISCANAS

MENSÁRIO DE FORMAÇÃO E INFORMAÇÃO MISSIONÁRIA

60 anos de sacerdócio

Bodas de diamante foram celebradas em ambiente fraterno e de oração

Texto: Frei Marques de Castro

“Obrigado, Senhor, por estes 60 anos de sacerdócio”

Pede-me o Diretor do Missões Franciscanas para dar o meu testemunho sobre os 60 anos – Bodas de Diamante – da minha ordenação sacerdotal. A princípio manifestei uma certa relutância, mas depois venci tal hesitação, pensando que **este meu testemunho talvez pudesse ser estímulo para que outros ganhassem coragem em dar também o passo rumo ao sacerdócio.** Ser padre é “estar ao serviço” dos outros e vale a pena avançar, sempre com os olhos postos no Senhor, correspondendo ao Seu apelo, em atitude de serviço e doação.

Julgo, porém, que neste meu testemunho devo englobar meus outros três colegas ainda vivos que, no dia 29 de junho do já longínquo ano 1955 – solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo – tivemos a coragem de dizer o “Sim” que nos comprometeu para toda a vida. Quisemos celebrar conjuntamente tal efeméride ao fim da tarde do dia 28 de junho, na igreja de S. Francisco, na Fraternidade Franciscana de Lamego, em ambiente fraterno e de oração.

Embora com matizes diferentes, posso afirmar que na vida de todos

nós, ao longo dos anos, sempre esteve presente a vertente missionária do “serviço”. Poucos meses após a ordenação sacerdotal, o P. Arnaldo Taveira rumou para Moçambique, como missionário, regressando somente após a independência daquele país, deixando obra assinalável, muito em especial na Igreja da Polana (Maputo). O P. João Ferreira da Silva, que o Senhor já chamou a Si há um bom par de anos, também não tardou muito a seguir para “terras de missão” (Guiné-Bissau), por onde andou enquanto a saúde permitiu. O P. António Fernandes não foi para lá, mas ficou por cá, sendo apóstolo da palavra, sobretudo no norte do país e ainda como Procurador da União Missionária Franciscana, durante vários anos, na Procuradoria de Montariol – Braga.

Restaram dois – a minha humilde pessoa e o P. Joaquim Cerqueira Gonçalves –, que a obediência destinou para outras tarefas. Juntos permanecemos vários anos, tanto no estrangeiro como na pátria lusa, e no meio das nossas lides académicas, como estudantes ou no ensino, sempre foi preocupação de ambos testemunhar a mensagem evangélica e franciscana do serviço, dando apoio de várias ordens aos que conosco conviviam. A meu ver, também isto é ser missionário.

No que a mim particularmente diz respeito, sempre o ideal missionário me cativou. De menino e moço me habituei a ver na aldeia onde nasci o burel castanho dos padres franciscanos que em janeiro anualmente iam pregar à Festa dos Santos Mártires de Marrocos. Antes de terminar a “Escola Primária” também um irmão da Ordem Terceira

Franciscana, desejoso de conseguir para Travassô, minha terra natal, outros tantos “filhos de S. Francisco” (sonho que nunca consegui concretizar), foi instrumento de que Deus se serviu no evoluir da minha vocação. Porém, foi a partir de 1972, quando a obediência me colocou no histórico Convento de Varatojo, de tantas tradições missionárias, que esta vertente da Igreja tem estado presente no meu dia a dia. Primeiramente, como responsável da União Missionária Franciscana em toda esta vasta região do Oeste, cargo que ainda hoje ocupo. Depois, integrado na equipa nacional de dinamização da UMF, em anos sucessivos, durante décadas, percorri várias zonas do país, com relevância para o Algarve, Madeira e diversas ilhas dos Açores, inicialmente na compa-

nhia do saudoso P. Serafim Ferreira. E, para tomar conhecimento *in loco* e depois dar a conhecer a “realidade missionária”, por duas vezes passei algum tempo na Guiné-Bissau e cerca de um mês em Moçambique. Foi uma experiência enriquecedora para comunicar aos de cá o que outros faziam por lá.

Agora, como o Apóstolo Paulo, bem posso dizer: **“Combati o bom combate, guardei a fé”**. E, em jeito de despedida, porque quem muito andou já pouco terá para andar, quero dizer: “Obrigado, Senhor, por estes 60 anos de sacerdócio. Mantém-me sempre fiel ao compromisso assumido naquela manhã de 29 de junho de 1955 na Sé de Lisboa. E perdoa-me as fraquezas que por vezes terão acontecido na minha vida”. ●



Da esquerda para a direita: Fr. Joaquim C. Gonçalves, Fr. Arnaldo Taveira, Fr. Marques de Castro e Fr. António Fernandes.

Editorial



Texto: Frei Vítor Rafael, OFM

Neste mês de outubro celebramos, uma vez mais, um tempo dedicado às missões. O Papa Francisco falou-nos do Ano da Vida Consagrada como estímulo para a missão na sua mensagem para o Dia Mundial das Missões 2015. Citamos:

«Neste ano de 2015, o Dia Mundial das Missões tem como pano de fundo o Ano da Vida Consagrada, que serve de estímulo para a sua oração e reflexão. Na verdade, entre a vida consagrada e a missão subsiste uma forte ligação, porque, se todo o batizado é chamado a dar testemunho do Senhor Jesus, anunciando a fé que recebeu em dom, isto vale de modo particular para a pessoa consagrada. O seguimento de Jesus, que motivou a aparição da vida consagrada na Igreja, é reposta à chamada para se tomar a cruz e segui-Lo, imitar a sua dedicação ao Pai e os seus gestos de serviço e amor, perder a vida a fim de a reencontrar. E, dado que toda a vida de Cristo tem carácter missionário, os homens e mulheres que O seguem mais de perto assumem plenamente este mesmo carácter (...). A missão é uma paixão por Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, uma paixão pelas pessoas. Quando nos detemos em oração diante de Jesus crucificado, reconhecemos a grandeza do seu amor, que nos dignifica e sustenta e, simultaneamente, apercebemo-nos de que aquele amor, saído do seu coração trespassado, estende-se a todo o povo de Deus e à humanidade inteira».

Iniciamos mais um Ano Pastoral. É com alegria que de novo nos empenhamos neste trabalho. Estamos a viver o «Outubro Missionário», que é para nós tempo de renovar o ardor e fervor missionários. Vamos continuar a trabalhar em prol das «Missões Franciscanas». Todos podemos ser missionários rezando pelas intenções da Igreja Missionária e, dentro das possibilidades de cada um, partilhando um pouco de si mesmo. Contamos consigo!

Intenção missionária: «Para que, com espírito missionário, as comunidades cristãs do continente asiático anunciem o Evangelho àqueles que ainda o esperam».

ASSINATURA DO JORNAL M.F.

. Cheque: à ordem de União Missionária Franciscana;
. Transferência Bancária: NIB - 0010 0000 2614049000117 - BPI (enviar comprovativo de pagamento e n.º de assinante).

De 15 a 17

Uma releitura 'livre' da Mensagem de Fátima (V)

Texto: Frei Álvaro Cruz da Silva, OFM

“Mas a verdade que os pastorinhos tinham para dizer vinha do Céu!”

Domingo, dia 19 de agosto de 1917

Estou em Fátima e sentei-me para escrever estas linhas, acabado agora mesmo de regressar dos Valinhos, soa o relógio da Basílica de Nossa Senhora e o Irmão, o Senhor Sol, enche o quarto onde me encontro.

Hoje chega-se à zona dos Valinhos a partir dos lados da rotunda sul, os caminhos são bons, bem empedrados, os muros baixos, alinhados, que se transformam em bancos corridos com centenas de quilóme-

tros. Depois de andados uns metros valentes, sentimos que a atmosfera nos guia, que o ar nos empurra e que as árvores nos acolhem, sendo em grande número as oliveiras, árvore símbolo da paz!

Encontramos naqueles caminhos setas, letreiros e muitas indicações: Via Sacra, Calvário Húngaro, Santuário, Loca do Cabeço, Valinhos, etc. Cada uma das setas indica uma direção e em cada direção podemos fazer uma experiência espiritual diferente, tal é a riqueza de Fátima e de tudo quanto ela nos oferece.

A experiência eucarística na Loca do Cabeço. A meditação na morte redentora do Filho de Deus, no alto Calvário oferecido pelo Húngaro; a multiplicidade das meditações que os 15 passos da Via Sacra nos sugerem, as suas figuras e os seus gestos esculpidos em pedra por mão firme de mulher portuguesa. **Tudo ali fala do céu e da terra, da dor e da glória, do Pão do Céu e do sofrimento Redentor de Cristo, que ilumina o sofrimento humano de todos os tempos.**

Em 1917 não havia setas indicativas nem caminhos pavimentados, mas penso que a atmosfera era como

hoje, ou mais do que hoje, convidativa à profundidade da experiência com Deus, como nos dão nota os videntes.

No meio de todos estes monumentos e conjuntos escultóricos, ergue-se um monumento mariano, que evoca a aparição de agosto de 1917, a quarta aparição.

«Ocupados» como estavam os pastorinhos, no dia 13 e seguintes daquele mês de agosto, não «tiveram tempo» de se irem encontrar com Nossa Senhora, mas a Virgem Maria não deixou de cumprir a sua promessa de os visitar mensalmente, e assim que os homens e os poderes deste mundo deixassem de ocupar os pastorinhos com prisão, interrogatórios e ameaças, eles iriam encontrar-se com a Senhora. E foram, assim que se apanharam em liberdade.

Naquele domingo, 19 de agosto, no fim da tarde, veio do Céu a Mãe de Deus consolar os pastorinhos, dos sofrimentos, interrogatórios prolongados, agressões psíquicas e espirituais, torturas, prisões e até da promessa do administrador de os “fritar num caldeirão de azeite”, até que dissessem toda a verdade.



OBITUÁRIO

Errata

Nos obituários do jornal Missões Franciscanas n.º 820 as fotografias encontram-se trocadas. Pelo lapso, pedimos desculpa, e voltamos a publicar neste número a informação revista.



Faleceu Frei Aquiles do Nascimento Afonso

No dia 18 de junho de 2015, na Enfermaria Provincial do Convento da Imaculada Conceição, Largo da Luz, Lisboa, faleceu Frei Aquiles do Nascimento Afonso. Tinha 94 anos de idade, 54 de profissão religiosa e 45 de sacerdócio. ●



Faleceu José da Silva Correia

Faleceu no sábado, 13 de junho de 2015, na Enfermaria Provincial do Convento de S. Boaventura de Montariol, Braga, o franciscano Fr. José da Silva Correia. Tinha 93 anos de idade, 73 de profissão religiosa e 67 de sacerdócio. ●

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: União Missionária Franciscana
Diretor e Chefe de Redação: Vítor Manuel Gomes Rafael, OFM

Redação e Administração: Apartado 1021 - 2401-801 LEIRIA
Telefone: 244 839 904/6 Fax: 244 839 905
E-mail: umfprocnac@gmail.com
Site: www.uniao-missionaria-franciscana.org

Projeto Gráfico: www.incentea-mi.pt
Paginação: inCentea Marketing e Inovação

Colaborações: Adriana Palmela, Frei Álvaro Cruz Santos Silva, Helena Espírito Santo, Isabel de Castro, Fr. José Lima, Lílina Carvalho, Madalena Abreu, Sérgio Fonseca.

Impressão: Jorge Fernandes LDA.
Quinta do Conde de Mascarenhas, n.º 9
2825-259 Charneca da Caparica

Tiragem: 8000 exemplares

Depósito Legal n.º 60342/92
Registo de Imprensa n.º 102581
Contribuinte n.º 501 188 207

Assinatura Anual 5,50€
Assinatura Beneficora 10,00€
Avulso 0,50€



Mas a verdade que os pastorinhos tinham para dizer vinha do Céu! Tinha uma abrangência universal, continha segredos e revelações. Os homens que detinham a autoridade na época, em Ourém e nos arredores, não iriam entender.

Interessavam lá às autoridades as mensagens do Céu? Porque havia mensagens, Nossa Senhora falava, na aparição de agosto avisou que em outubro haveria o Milagre do Sol, referiu também o eminente regresso dos soldados que tinham estado a combater na guerra de 1914



e para outras realidades. Naquele domingo, dia 19 de agosto, Lúcia chegou a casa com um raminho de azinheira perfumado na mão, que, como o nardo evangélico, se expandiu por toda a casa paterna. A fragância daquela azinheira encheu a alma da senhora sua mãe, abriu-lhe os sentidos ao transcendente e afervorou-lhe a fé. O tio Marto também testemunha que a Jacinta chegou a casa com um ramo de carrasqueira, o perfume invadiu a casa toda, mas quando o ti Marto segurou o ramo o aroma sumiu. Coisas de Deus...! ●



Texto: **Sérgio Fonseca**
Auditor em Gestão da Qualidade

“É o porquê que orienta, que dá sentido à vida.”

A primazia do como e a asfixia do porquê

Desde que acordo até que me deito (e por vezes até deitado) que me ocupo do como.

Como vou conseguir fazer tudo hoje? Como vou resolver aquela questão? Como explicar aquele imprevisto? Como vão os outros reagir a isso? Como me vão avaliar? Como posso ser bem-sucedido?

Mas a resposta a todas estas questões de nada importa se não for enquadrada pelo porquê.

Porque tenho que fazer tudo hoje? Porque é assim tão importante resolver aquela questão? Porque

Artigo de Opinião

é que preciso de explicar aquele imprevisto? Porque me preocupa a forma como os outros vão reagir a isso? Porque valorizo tanto a forma como me avaliam? Porque quero ser bem-sucedido (e o que é ser bem-sucedido)?

É o porquê que orienta, que dá sentido à vida. O como deve resumir-se apenas à ferramenta a aplicar para dar resposta ao porquê. Resume-se ao meio para atingir o fim.

É no porquê que tudo se unifica. Por vezes não se explica (porque tamanho é o mistério) mas tudo justifica (porque imenso é o amor). Conseguir concretizar o como sem clarificar o porquê é como um barco à deriva. Pode navegar rapidamente e irromper as ondas com facilidade, mas não sabe para onde vai nem porque vai. Não tem sentido. Tal como não tem sentido sem o porquê.

Tenho que dar voz ao porquê, mesmo que isso me desinstale e por vezes me provoque. Porque o porquê aproxima sempre o humano do divino, o filho do Pai, o propósito da consumação. ●



Texto: **Helena Espírito Santo**
Docente

“O Amor é o segredo.”

Já rodada nos dias, encaixada de novo nas velhas rotinas, olho em volta. Como posso olhar o mundo com o olhar de Jesus? Será pedir demasiado? Não é isto o que cristão deseja: ser capaz de olhar com o olhar de Jesus? No meu trabalho,

que de monótono não tem nada, como olho o aluno mais desinteressado? Como procuro, senão entusiasma-lo, pelo menos, fazer com que ligue ao que se faz? Como olho o colega que fala com sobrançeria com todos, principalmente, com os que têm menos “voz”? Como lido com o encarregado de educação que vê na escola e nos professores ora a fonte de todos os males do educando ora a salvação das dificuldades da própria família?

Em casa, como olho o meu filho que repete a mesma frase pela

décima vez seguida ou como aceito o que a minha filha faz mesmo sem concordar com ela? Como olho o amigo que vejo esmorecer na espuma dos dias? Frente à televisão, como olho mais uma notícia de morte, violação ou tortura? Venho descobrindo, aos poucos, como o Amor divino não é conversa fiada e que, se do Amor de Deus por mim nunca duvidei, começo a entrever como a pessoa humana pode participar desse Amor e vivê-lo com os outros. O que aprendi nos últimos anos foi a não a reagir a quente (tanto quanto possível!), a respirar

fundo, a rezar a questão, a pôr-me no lugar do outro e a questionar-me: como agiria Jesus?

O Amor é o segredo. Não um amor de impulso mas um Amor construído a partir da relação pessoal com o próprio Jesus. De facto, só se ama quem se conhece. ●

Artigo de Opinião

Frei Luís Pereira de Mesquita

O devoto da Senhora do Sameiro (Parte III)

Texto: Frei José Dias de Lima, OFM

“levei, no meu pensamento, a grandeza humilde daquele sacerdote”

O Convento Franciscano de Montariol foi a primeira comunidade onde fui colocado, após a minha ordenação sacerdotal, e o padre Mesquita, que há já vários anos residia nesta fraternidade, foi um dos meus confessores. Eu tinha por ele uma profunda reverência. Tudo isto porque, certo dia, depois de me ter confessado, e quando fazia tenção de me retirar, se ajoelhou diante de mim e me fez o seguinte pedido:

– Padre Lima, peço-te que me oiças de confissão!

– Padre Mesquita, eu sou um sacerdote no seu primeiro ano de ministério! É o que faltava ouvir

de confissão um sacerdote quase cinquentenário nas lides do altar! Respondi, manifestando o meu desacordo.

– Padre Lima, a grandeza da confissão e a legitimidade do confessor não está no número de anos de ordenação, mas na eficácia do sacramento! Diante de Deus, todos somos indignos e só Ele é Santo! Até a Mãe de Jesus, que eu venero como Senhora do Sameiro, foi redimida, embora no momento da Sua Conceção, razão pela qual Ela é Santa com Jesus, porque o pecado não A tocou e daí Ela ter sido a Criatura mais Digna que passou neste mundo – respondeu, com um remate teológico e mariano.

Tocou-me profundamente esta alusão à Nossa Senhora do Sameiro, como referência de santidade e fonte de mediação, onde pode acorrer todo o pecador, que deseja alcançar as graças de Jesus. Tentei levantá-lo mas ele, ainda ajoelhado, agarrando-me as mãos disse:

– Abençoi-me padre porque pequei!

Acedi então e ouvi-o de confissão. No fim, convidai-o a rezar o «Magnificat» de Nossa Senhora, a padroeira da nossa querida Diocese de Braga que, desde o alto do monte Sameiro, nos aben-

çoa, em ação de graças a Jesus seu Filho, pelo dom da vocação sacerdotal.

Ao sair daquele quarto, levei, no meu pensamento, a grandeza humilde daquele sacerdote, tendo-me sentido, isso sim, pequenino, perante o gesto que o tornou verdadeiramente grande e santo aos meus olhos.

É curioso que, nove anos depois, aconteceu episódio semelhante, num acontecimento registado no Diário do Minho de 27 de julho de 2001, entre o Papa S. João Paulo II e um sacerdote de Nova Iorque, que fora encontrado a mendigar à porta da Basílica de Santa Maria Maior em Roma, por um outro colega de curso, no exercício das suas funções, e que se encontrava de visita a Roma. Este sacerdote ouviu, do seu colega, como tinha perdido a sua fé e a sua vocação. No dia seguinte, teve o privilégio de assistir a uma missa privada do Santo Padre e, no final, abordou Sua Santidade, expondo o caso do colega mendigo. O Santo padre disse então ao sacerdote que trouxesse o colega pois queria jantar com ele. O papa jantou com o sacerdote mendigo e, depois de ter ouvido as razões pelas quais aquele sacerdote não exercia, pediu-lhe

que o ouvisse de confissão:

– Santidade, eu já não sou sacerdote! – Respondeu, recusando.

– Uma vez Sacerdote, és sacerdote para sempre! – Contestou S. João Paulo II.

– Mas, eu estou fora das minhas faculdades de Presbítero, Santidade! – Respondeu o sacerdote.

– Eu sou o Bispo de Roma e posso encarregar-me disso! – Respondeu o Santo Padre.

O papa confessou-se àquele sacerdote mendigo que, por sua vez, pediu a Sua Santidade que escutasse a sua própria confissão. Ponderadas as verdadeiras razões do impedimento deste sacerdote exercer, o Santo Padre, S. João Paulo II, ordenou a integração imediata deste presbítero na sua diocese, Nova Iorque, o que foi acatado pelo seu bispo titular.

E assim, quer o Papa João Paulo II, com o «Totus Tuos, Maria», (Todo Teu, Ó Mãe!) quer o padre Mesquita, com a sua devoção à Senhora do Sameiro, são exemplo de entrega ao Pai do Céu, numa profunda imitação do «Fiat Voluptas Tua» (Faça-se a Tua Vontade), pronunciado e vivido pela Mãe de Deus. ●

CORTAR E ENVIAR PARA:
União Missionária Franciscana - Convento De São Francisco
Rua Dos Mártires, 1 - Apartado 1021 - 2401-801 Leiria

Valor de 1 Bolsa de Estudo (250,00 €)
 Valor de 1/2 Bolsa de Estudo (125,00 €)
 Ajuda para Bolsa de Estudo no valor de €
 Envio cheque à ordem de União Missionária Franciscana
 Envio vale postal à ordem de União Missionária Franciscana
 Faço transferência bancária para: NIB: 0007.0018.002560600005.86
 Desejo comprovativo para dedução do IRS / IRC
(N.º Contribuinte:)

BOLSAS DE ESTUDO 2015/2016

QUERO APOIAR A FORMAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS FRANCISCANOS

Está nas nossas mãos apoiar e fazer com que se desenvolvam as vocações missionárias franciscanas que vão surgindo. «É o Espírito que impele a anunciar as grandes obras de Deus! Porque, se anuncio o Evangelho, não tenho de que me gloriar, pois que me foi imposta esta obrigação: Ai de mim se não evangelizar! (1Cor 9, 16). Em nome de toda a Igreja, sinto o dever imperioso de repetir este grito de S. Paulo» (Redemptoris Missio).

A Bolsa de Estudo é a oferta dum importância em dinheiro para ajudar as despesas com a formação das vocações missionárias. Cada Bolsa deve atingir a importância de 250,00€, oferecida de uma só vez ou em várias prestações. Uma Bolsa pode ser oferecida por uma ou várias pessoas. «Quanto às ajudas materiais, é importante ver o espírito com que se dá. Para isso torna-se necessário rever o próprio estilo de vida: as missões não solicitam apenas uma ajuda, mas uma partilha do anúncio e da caridade para os pobres. Tudo o que re-

cebemos de Deus - tanto a vida como os bens materiais - não é nosso, mas foi-nos confiado em uso. Que a generosidade no dar seja

sempre iluminada e inspirada pela fé». ●

(Redemptoris Missio)

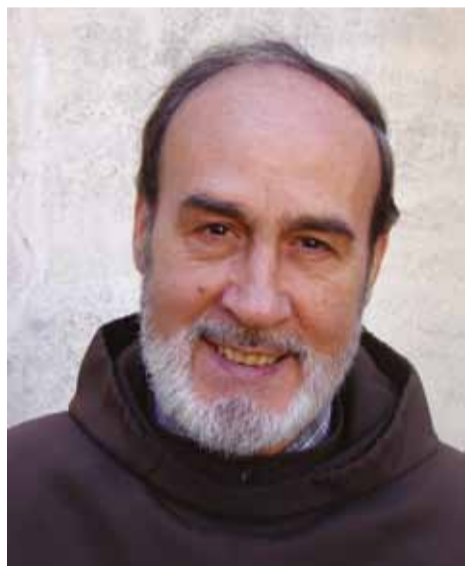


Bodas de Ouro

Frei Henrique Báscones Lezcano recebeu a ordenação Sacerdotal em Segóvia, Espanha, em 1965.

Texto: Frei Enrique Báscones Lezcano, OFM

“Ajudem-me a dar graças a Deus pelo 50.º Aniversário do meu Sacerdócio”



PAZ e BEM Irmãos, Irmãs, Familiares e Amigos de Missões Franciscanas. Quando hoje abri os meus olhos às 5h30, dei graças a Deus e voltei a sonhar num 20 de julho de 1965 quando recebia a minha Ordenação

Sacerdotal com outros quatro jovens da Província Franciscana de São Gregório Magno ou de Castilha: os freis José Alvarez, Norberto Burgos, Luis Rodriguez e Leonardo Garcia. Foi na igreja conventual do Mosteiro de Irmãs Clarissas do Corpus, da cidade de Segóvia, em Espanha, numa celebração muito simples, e acompanhado pela Comunidade de Clarissas, o P. Clodulfo Escobar, o nosso Mestre de Teólogos no mosteiro de San Juan de los Reyes de Toledo e um grupo reduzido de familiares. Cinco dias depois, o 25 de julho, Festa de Santiago Apóstolo, Padroeiro de Espanha, celebrava a minha primeira Missa na minha Vila natal Payo de Ojeda (Palencia) no meio de familiares e conterrâneos.

La Puebla de Montalbán (Toledo). Vividas intensamente as alegrias e emoções daquela efeméride inolvidável, o P. Manuel Prieto, Provincial, entregou-me a minha primeira obediência para incorporar-me à Comunidade educativa de La Puebla de Montalbán. A pedido do Reitor, P. Santiago Sánchez, trabalhei durante quatro anos como Mestre responsável da disciplina do Seminário-Colégio Imaculada Conceição daquela localidade toledana. Na Comunidade Franciscana éramos seis sacerdotes e outros dois diocesanos, atendiam pastoralmente a Paróquia.

Roma. Depois dos quatro belos anos decorridos entre aulas, desportos e ricas experiências no contacto com a juventude, embarquei-me para Roma em 1969. Nos anos 1969 ao 1973 fiz

a Licença em Teologia e a Licença em Filosofia com a especialização em Pedagogia. O Convento de Santi Quaranta de Roma era o Teologado da Província Franciscana de Castilha. Em algum momento chegamos ao número de vinte e três moradores, entre estudantes e sacerdotes.

Arenas de São Pedro (Avila). Em agosto de 1973 voltamos a Espanha como ajudante do Mestre de noviços P. Vicente Mateos, em Arenas de São Pedro, Ecónomo da Fraternidade e Pároco da Paróquia São João Baptista de La Parra (Avila).

Alcorcón (Madrid). Apenas concluído o ano 1973, o P. Pedro Romero, Provincial, propôs o meu nome como Pároco da paróquia em projeto, de Alcorcón. A partir de 1974, com o P. Amâncio Pérez Arroyo, pioneiro naquelas lides, visitávamos os Colégios e celebrávamos no corredor do Colégio Virgen de Izlar. Aqueles eram os anos do Boom do desenvolvimento urbano de Alcorcón, quando semanalmente administrávamos 40 ou 50 Batismos.

Inaugurada a nova Paróquia de São Pedro Baptista de Alcorcón, solicitei partir para as Missões de Filipinas, onde já trabalhava o meu irmão P. Bibiano Báscones. Novamente encontrei boa acolhida nos meus Superiores, mas como eram já os últimos anos da histórica e heroica presença da nossa Província de São Gregório Magno em Filipinas, orientaram-me para as Missões de Bolívia. Aí a Província emprestava a sua primeira colaboração à Pro-

víncia Franciscana de São Leopoldo do Tirol (Áustria).

Bolívia. Saí de Madrid no dia 17 de janeiro de 1977. De passagem por Perú tive o privilégio e a alegria de visitar durante quinze dias o nosso Irmão Frei Diego Feliz, missionário no Alto Amazonas, no Vicariato de Requena (Iquitos). Foi o meu Batismo americano! Com esta maravilhosa experiência na minha bagagem, aterrava em La Paz (capital). Portanto, no dia 17 de janeiro de 2017, cumprir-se-ão 40 anos de compromisso missionário. Outra data muito especial para agradecer e louvar o Senhor que me guiou, me sustentou e sustem-me ainda, pela mão, na arada e sementeira do Reino!

Noutra oportunidade falaremos dos destinos africanos. Suplico a todos os Irmãos, Irmãs, familiares, Amigos e Leitores de Missões Franciscanas: Ajudem-me a dar graças a Deus pelo 50.º Aniversário do meu Sacerdócio e peçam-lhe que continue a proteger a vida missionária.

E antes de encerrar esta partilha quero comunicar uma boa notícia: a página web do Centro de Acolhida e Formação Nihuersi de Chimoio, em Moçambique, já está também na Língua Portuguesa. A morada é: projecto-nihuers.blogspot.com. Na parte de cima da página principal do Blog vão encontrar duas bandeiras: Espanha e Portugal. Fazendo clique numa ou noutra entram na língua correspondente. Vos convido a visitar a na nossa página e a difundi-la. ●

TESTEMUNHO VOCACIONAL

Texto: Frei Artur Neves, OFM



Eu Frei Artur Carreira Marcelino das Neves, filho de Adriano Pereira Marcelino das Neves e de Lurdes Carreira, nasci a 23 de setembro de 1939, no lugar do Souto do Meio, Paróquia da Caranguejeira. Sou Franciscano. A minha vocação de consagrado tem origem essencialmente na vida cristã dos meus queridos pais. Um casal profundamente cristão, empenhado com a Igreja; um lar, uma família onde se rezava o terço todos os dias à noite; via a minha mãe frequentemente a visitar doentes do lugar, levando-lhes géneros alimentícios; acolhia mendigos: dando-lhes dormida e alimentação; muitas vezes me disse: vai à capela ver se a lamparina do Santíssimo está acesa. Um casal de lavradores, que teve 13 filhos, onde trabalho e oração andavam juntos. É natural que o meu tio, Pe. Joaquim Pereira das Neves, sacer-

dote franciscano e missionário, tenha tido alguma influência na minha vocação. Feita a 4.ª classe entrei no Colégio dos Frades Franciscanos em Montariol, Braga. Fui ordenado sacerdote a 18 de julho de 1965. A 10 de fevereiro de 1966 embarquei para a Guiné-Bissau, como missionário, onde estive quarenta e um anos, vividos intensamente como coadjutor e depois pároco da paróquia da Catedral e diretor das escolas pertencentes à Missão, num total de 8 escolas, 38 turmas, 1230 alunos, que visitava todos os dias de manhã e à tarde. Com a independência as escolas foram nacionalizadas, mas a pedido do Ministério da Educação continuei diretor; mais tarde fiquei diretor só da escola que faz um todo com a nossa residência, dentro da cidade, com 12 turmas e 360 alunos, voltando a ser propriedade da Missão. Na pas-

toral direta tinha a catequese, frequentada por centenas de crianças e jovens; a Legião de Maria de adultos e juvenil; a Conferência de São Vicente de Paulo com um bairro de doze casas; grupo de adolescentes e de jovens, e depois fundei o Escutismo. Muito mais teria a dizer sobre a pastoral... Regressei a Portugal em setembro de 2007 por motivo de saúde. Atualmente faço parte da Comunidade do Convento de São Francisco em Leiria, dedicando-me ao confessor, à celebração da Eucaristia no Convento e capelarias e colaborando no que me é pedido. Dou graças a Deus pelo dom da vocação de consagrado e de missionário. Não obstante as minhas limitações, tudo farei para honra e glória de Deus, vivendo a vida de consagrado e o ministério sacerdotal ao serviço do Povo de Deus. ●

De Teresinha a Teresina

Homenagem a Santa Teresinha do Menino Jesus

Texto: Frei José Dias de Lima, OFM

“Somos devotos de Santa Teresinha do Menino Jesus”

Teresina, perante a minha curiosidade em relação ao seu nome, desvendou-me a história do mesmo, acontecida em 1940, ano em que foi dada à luz, e cuja explicação, que já lhe tinha sido dada pelos seus pais Manuel e Emília, revela o preciosismo sub-reptício da perseguição republicana contra a Igreja, que podemos verificar neste aparente pequeno detalhe.

Depois do Batismo da filha, quando o Sr. Manuel a foi registar no civil, Emília advertiu-o:

– Homem, põe-lhe o nome de Teresinha, pois foi o nome que lhe demos no Batismo, em homenagem a Santa Teresinha do Menino Jesus.

– Sr. Manuel – disseram no Registo – o nome da sua filha não pode ser Teresinha.

– Não pode ser Teresinha?! Já foi à Pia Batismal e quando o padre nos perguntou «que nome dais à vossa filha!», nós respondemos «Teresinha!», e ninguém lho muda! – Disse Manuel, decidido no seu propósito.

– Pois aqui não pode ser registada com esse nome, mas pode ser um nome parecido, por exemplo, Teresa ou Teresita.

– E a minha filha não pode ser Teresinha, porquê?!

– Poder pode, mas tem que pagar uma coima, que esse nome consta das coimas da lista dos nomes censurados, pois é um diminutivo.

– E Teresita também não é um diminutivo?! Isso deve ser é por ser nome de Santa! – Objetou Manuel, desconfiado.

– Teresa também é nome de Santa e pode pô-lo! – Contestou o funcionário público.

– Então, quer dizer que se fosse rapaz e lhe quisesse chamar Agostinho, mas não pagasse multa, punham-lhe que nome? Agostito?! Agosto?! – Ripostou Fernando, num tom sarcástico.

– Isso não vem ao caso, ou paga a multa ou não lhe pode colocar o nome Teresinha – respondeu o funcionário, esquivando-se à questão.

– Então, quem escolhe o nome da minha filha sou eu. Não se chamará Teresa nem Teresita! Chamar-se-á Teresina! A mulher e eu, na hora de a

chamar para o que for preciso, lá nos encarregaremos de colocar o “H”, pois não vou pagar uma coima por causa de um “H”, além de que, lá em casa, já é Teresinha.

Quando o Sr. Manuel chegou a casa com a cédula do Registo, tentou evitar que fosse parar às mãos da mulher, mas em vão:

– Ó Manuel, a cédula da miúda? – Perguntou a esposa, sem perder tempo.

– Toma lá, mulher, está como pediste! – Disse Manuel, pensando que a mulher não daria pela falta do “H”.

– Ó Manuel, tu enganaste-te no nome da menina, registaste-a como Teresina e não como Teresinha! Amanhã vamos ao registo pôr o “H”, que assim não me conformo.

– Ó mulher, mais “H” menos “H”, que diferença faz? Até se ririam de nós se fizermos questão com um “H”!

– A questão não está no “H”, marido, mas no nome. A nossa santa é Teresinha e não Teresina, nem será Teresa, que essa é outra Santa, que lhe deixo com os devotos dela, mas não é a nossa santinha. Amanhã ponho tudo em pratos limpos, que aqui em casa quero o nome de Teresinha!

– Eles não aceitam o nome Teresinha que tu e eu escolhemos, de comum acordo, quando a levámos à Pia Batismal, a não ser que paguemos uma multa.

– Sendo assim, marido, fizeste bem, que também eu não pagaria uma multa por causa de um “H”. Além disso, que importa que para eles seja Teresina se para nós é Teresinha? Somos devotos de Santa Teresinha do Menino Jesus e, por isso, a nossa filha será sempre a nossa Teresinha.

Mas, imperando mais a força do hábito pela obrigação do pronunciamento em público do nome do Registo Civil, nomeadamente nas escolas, e não do nome de Batismo que, devido a casos como este, algumas vezes não coincidem, em virtude de muitos pais não se quererem sujeitar a pagar coimas, Teresinha passou a ser chamada Teresina.

Só que, **no coração de Teresina, está a certeza da identificação espiritual e vocacional com a santa do seu nome de Batismo**, como ela mesmo diz: “nesta doença que me tolhe todo o corpo, e me prende a esta cama para o resto da vida, depois de mais de setenta anos a servir Deus e a Igreja na minha congregação, consolame o facto de o meu nome de Batismo ser Teresinha e, nesta cruz onde me vejo deitada e crucificada, descobrir, como ela, a minha vocação e, com ela, dizer, em meio às dores que me macearam o corpo, num sofrimento semelhante ao seu, que a levou apenas com vinte e quatro anos: «a minha vocação é o amor!»». ●

DIÁRIO DA MISSÃO HUMANITÁRIA NA GUINÉ BISSAU (II)

Texto: Frei Joaquim Augusto, OFM

“A PAZ É O CAMINHO E OS GUINEENSES TÊM ESSA CONSCIÊNCIA.”

Na missão de Brá, onde estivemos alojados, fomos acordados todos os dias pelo cantar dos passarinhos; um destes dias acordamos com vozes de crianças a entoar músicas tradicionais e que emanam uma alegria para o Universo fora de série. Estão em círculos, num campo de terra batida, espalhados e divididos por escalões etários. São os escuteiros a ensaiar músicas e a dar início às suas atividades de sábado de manhã.

As pessoas têm bom coração e a juventude está disposta a seguir um novo rumo, o rumo da qualificação e formação, do progresso e desenvolvimento através do conhecimento, do diálogo e da cooperação

internacional... e jamais pelo recurso às armas e à violência. A paz é o caminho e os guineenses têm essa consciência.

Como diria meu amigo José Manuel, o nosso voluntário que nos brinda diariamente com fotografias inacreditáveis, “nós viemos aqui por bem e, por isso, a Missão só pode ser bem sucedida. Não temos outro qualquer interesse, a não ser ajudar este povo e contribuir para o desenvolvimento do País”.

Diariamente, de manhã, descemos para o refeitório dos frades Franciscanos para o nosso pequeno-almoço. Depois saímos nas viaturas habituais, conduzidas pelos amáveis jovens guineenses e começamos a percorrer as estradas esburacadas, em terra batida, com centenas de pessoas a circular pela berma obrigadas a afastarem-se dos automóveis e a respeitar as buzínadas que antecipam “prioridades” – uns a caminho dos seus ofícios, outros para as compras, algumas crianças para a escola e vários apenas pela rotina diária.

Uma vez na Avenida da Liberdade da Pátria a “conversa é outra”, pois só um suicida arriscaria descer da viatura para cumprimentar alguém. O trânsito é caótico pois as regras de trânsito por estas bandas são um pouco... “diferentes”. Raramente utilizam os piscas, não existem semáforos, as passadeiras são meros elementos “decorativos”, pois nenhum carro para lá, antes os peões é que têm que se desviar e aguardar; aparentemente existem duas faixas de rodagem, mas subitamente podem passar a três ou quatro...

No sábado fomos à Missão de Cumura dos frades Franciscanos, designadamente, ao Hospital do Mal de Hanssen. Esta é uma unidade de saúde, onde são tratados doentes com lepra, tuberculose e sida. Contactamos Dr. Agostinho Cá, um brilhante e conceituado médico e ex-Ministro da Saúde da Guiné, para que nos pudesse receber no Hospital.

Já com a presença do Dr. Agostinho, per-

corremos as alas do Hospital e vimos, com nossos próprios olhos, o que é estar num estado de saúde extremamente debilitado e não existirem grandes recursos para ajudar aqueles doentes. No entanto, aqueles que conseguem chegar até este Hospital são uns “felizardos”, pois na sua grande maioria, os doentes com lepra, tuberculose ou sida acabam por morrer nas Tabancas.

A pedido do Sr. José Eduardo e da D. Conceição, dois Leceiros que muito ajudaram a organizar esta missão, deixamos cinco caixas com material hospitalar à guarda do Dr. Agostinho e dos serviços desta unidade de saúde.

Em seguida passamos pela Maternidade da missão e decidimos entrar para conhecer as condições em que as mães guineenses dão à luz e são acompanhadas.

Um espaço muito agradável, extremamente cuidado e limpo, com enfermeiras e colaboradoras bastante simpáticas, divertidas e super disponíveis para ajudar o próximo.

Frei Elias Jacinto, OFM

Custódia Autónoma de Santa Clara de Assis de Moçambique – faleceu

Texto: Frei Armindo Carvalho, OFM

“Cantava a Jesus, no ambiente litúrgico ou tornando ‘litúrgico’ todo o ambiente”

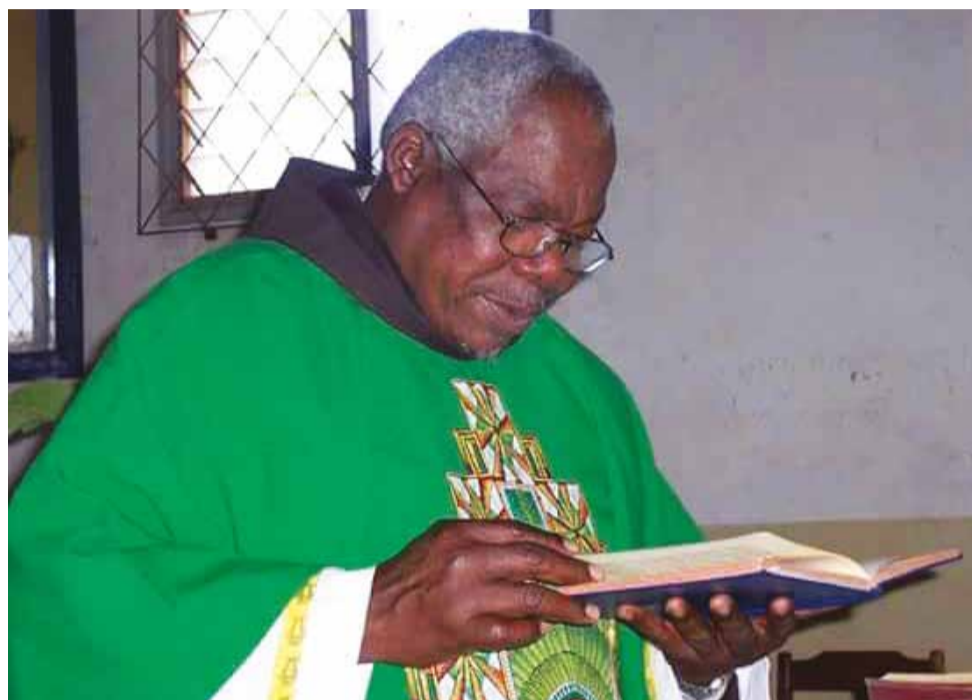
No céu só entram os cantores. Céu é só festa plena e eterna, banquete da vida com saborosos manjares e vinhos deliciosos. Só os artistas conseguem entrar nesta festa, querida por Deus e garantida pela morte e ressurreição de seu Filho Jesus. E o céu “ganhou” mais um artista da eterna festa, e bom, com a “chegada” de Frei Elias. Foi no passado dia 11 de julho de 2015 que o céu requereu a sua presença para aumentar o número e a qualidade das suas inúmeras “vozes de louvor e de alegria em festa”.

Estava, ao que soubemos, na Frater-

nidade de Santo António da Polana – Moçambique – a ser preparado para uma intervenção cirúrgica, que aconteceria em breve. Esperava-o, por certo, o canto da irmã dor física. Mas o canto alegre da vida foi mais forte, antecipou-se e ganhou. Tudo aconteceu na manhã desse sábado, em rito sagrado de vida fraterna: um olhar longínquo aos irmãos, uma conversa alegre, como era seu tom habitual, um recolher ao quarto, uma escovadela aos dentes, o reclinar do irmão corpo na cama... e o “sono” da passagem para a Vida. É esta a beleza da vida. Sempre mistério, mas, entre o comum dos crentes, a certeza de ser o mais belo momento do nosso viver, pois plenifica, eternizando-a, a vida passageira e efémera que Deus nos ofereceu na terra.

Hoje, junto ao inumerável coro dos anjos, santos, bem-aventurados, a festa eterna do “glória a Deus e paz aos homens” foi reforçada com a voz e o som da viola do irmão Elias. Viola que não precisa de cordas... a sua viola material muitas vezes aparecia com falha de cordas, mas tocava sempre...

Frade menor, de alma, coração e testemunho de vida, não viajava sem esse “suplemento da sua personalidade”: a viola. E, chegado ao seu destino, na primeira oportunidade,



“rapava” dela e cantava. Cantava a Jesus, no ambiente litúrgico ou tornando “litúrgico” todo o ambiente do seu viver... Cantava a Maria, a Mãe da Encarnação, a mais sublime das obras divinas. Cantava a Francisco de Assis e sua plantazinha Clara; cantava a vida fraterna. E logo o ambiente se tornava novo de alegria e festa com a chegada deste irmão.

Recordar...

Sim, é-me grato recordar Frei Elias, com quem tive o privilégio estar próximo, de trabalhar, de cantar as suas pautas e aplaudir a sua voz incon-

fundível. Ele não se privava de colmatar alguma falha eventual, à hora da Missa, de um artista que não chegasse ao grupo instrumental, fosse essa falha a viola baixo, a ritmo, a solo, a bateria ou, mesmo, o órgão. E a voz não deixava nunca de acompanhar o som do seu instrumento. Estou, é claro, a recordar a catedral de Inhambane – Moçambique – onde durante quase duas décadas de anos servi alegremente o seu bom povo de Deus, essa “terra da boa gente”, com muitos colaboradores, sendo Frei Elias um deles. ●

Coordenada pela Irmã Ida, a Maternidade tinha várias alas: pré-parto, preparação para o parto e pós-parto.

Infelizmente, aqui na Guiné, muitas mães morrem no momento do parto, por falta de resistências e, muitas vezes, falta de recursos para se deslocarem a um Hospital, mas felizmente, aqui nesta Maternidade chegam centenas de mulheres, que recebem todos os cuidados possíveis e apoios.

Conhecemos ainda cinco crianças amorosas, subnutridas e com sida. As suas mães demonstravam-se algo preocupadas, mas mantinham sempre os sorrisos bem rasgados.

Isto é África e faz-nos pensar se vale a pena discutirmos por tudo e por nada, quando, na verdade, somos uns felizardos comparativamente com estas gentes e crianças que pouco ou nada têm. A vida aqui tem mesmo um valor especial! Todos nós devíamos passar por aqui para percebermos, amar e respeitar o dom maravilhoso da vida.

De Cumura seguimos para a missão de Qui-

nhamel. Pelo caminho, vimos várias centenas de crianças a brincar na rua, no meio do lixo, que, na sua grande maioria, comem apenas uma vez por dia (quando comem). A essa refeição chama de “tiro” - fazer apenas uma “refeição” num dia.

Na Tabanca de Ilondé vimos senhoras a vender ostras, peixe, camarões, mangas e papaias na berma da estrada, mesmo ao lado de umas vacas que circulavam tranquilamente.

Depois de passarmos por Bissauzinho e atravessarmos alguns quilómetros de densa vegetação, sempre debaixo de um calor tórrido, eis que cortamos à esquerda para uma “picada”. Nesta estrada em terra batida, decidimos saltar para a caixa aberta do jipe e desfrutar o momento.

Chegamos ao “Mar Azul” onde íamos almoçar e, rapidamente, percebemos que era um local bastante tranquilo, com uma paz impressionante, iguanas a passear, gatos a fugir e milhares de Catchu Caleron (pássaros) a

entoar seus cânticos de elevação do mundo da natureza. Momento sublime.

Depois de algumas fotos voltamos às viaturas e regressamos à missão de Brá. À noite fomos jantar com um amigo e uma das pessoas centrais em todo este processo, o Tenente Coronel Quicalá Bald.

Segundo deixaram transparecer, sem nun-

ca revelar grandes detalhes, na segunda-feira, dia 25 de maio, a partir das 09h30, espera-nos uma receção especial, que de certo jamais esqueceremos. As pessoas de Mansôa estão bastante motivadas e felizes com o nosso gesto e apoio, e agora querem retribuir de alguma forma. ●



A Solenidade de Santa Clara em Jerusalém

Texto: Frei Edson Augusto Nhatuve, OFM

“os filhos de Francisco e Clara se reuniam para celebrar a grande solenidade de Santa Clara.”

Quando se aproxima o dia 11 de agosto, toda a família franciscana se prepara dignamente para celebrar o dom de Santa Clara para a Igreja, mas em especial para a família franciscana, pois através desta santa a Ordem ou a Espiritualidade franciscana tornou-se íntegra pois tinha todos os pulmões para o seu respiro: masculino e feminino, e

isto é uma grande riqueza para a mesma Ordem ou família.

E porque Jerusalém é um dos lugares privilegiados pela presença destas nossas irmãs, as Clarissas, celebramos esta solenidade como uma única família e por isso a família franciscana e demais religiosos e fiéis admiradores do estilo de vida franciscano se reuniram no mosteiro das damas pobres para celebrar a graça desta Espiritualidade e o dom de Santa Clara em particular.

No dia 10 por volta das 17h30 tivemos a oração das I vésperas, as quais iniciaram com a leitura dum passagem das Fontes sobre a vida de Santa Clara sublinhando a sua escolha à vida de pobreza. Depois seguiu-se a incensação da imagem de Santa Clara acompanhada com o canto das ladainhas à mesma santa. De seguida foi o canto das vésperas em Francês e Italiano, respetivamente. Depois da leitura breve, seguiu-se a leitura do Trânsito de Santa Clara e depois uma breve homilia na qual o presidente da celebração pôs em relevo

a escolha desta santa de seguir Cristo a exemplo de Francisco de Assis. Por fim, foi a bênção com a relíquia e o beijo da mesma.

O dia 11, solenidade de Santa Clara, foi um dia especial; apesar de ser uma jornada de sol e calor que se fazia sentir logo às primeiras horas na cidade santa, muitos religiosos, religiosas e sacerdotes se dirigiram ao mosteiro das Clarissas de Jerusalém para celebrar a festa de Santa Clara.

A celebração eucarística iniciou por volta das 10h00 e presidiu o bispo auxiliar de Jerusalém, Dom William Shomali, o qual centrou a sua homilia no Evangelho da Solenidade (Jo 15, 4-10) sublinhando o versículo 5 que diz: Eu sou a videira e vós os ramos. Quem permanece em mim e eu n'ele produz muito fruto, porque sem mim não podeis fazer nada.

De facto, foi uma celebração ao estilo internacional, pois foi em Francês e Latim, os cânticos foram em Francês, Italiano e Swahili. No ofertório, as irmãs Clarissas

da África do leste cantaram em Swahili e dançaram enquanto se fazia a procissão das ofertas.

A celebração terminou pelas 11h30. Seguiu-se a saudação às irmãs na sala de visitas e por fim partilhámos a terceira parte, na qual ao estilo próprio franciscano-clareano partilhámos o pão, e a alegria foi enorme pois os filhos de Francisco e Clara se reuniam para celebrar a grande solenidade de Santa Clara. Como sempre os frades estão presentes para perpetuar a regra que diz: «onde está uma clarissa aí deve estar um frade menor».

Que Santa Clara interceda por nós junto de Deus! Aos leitores do Missões Franciscanas, os meus votos de Paz e Bem! ●

CONVÍVIO MISSIONÁRIO - CONVENTO DE VARATOJO

Dia 25 de outubro 2015

Como vem sendo tradicional, o CONVÍVIO MISSIONÁRIO DE OUTONO em Varatojo este ano realiza-se no dia 25 de outubro com o seguinte Programa:

10h00 – Acolhimento.

10h15 – Momento de Reflexão e Partilha Missionária.

12h00 – Celebração da Eucaristia, com ofertório para as Missões.

13h00 – Almoço oferecido pela UMF, seguido de Magusto e Convívio, nos claustros do Convento.

N. B. – Pede-se que de cada terra comuniquem ao P. Castro (Telm.: 938467160), com pelo menos 5 dias de antecedência, o número de pessoas que tencionam participar. ●



SUGESTÃO DE LEITURA

SAUDADES DE DEUS

Pe. Carreira das Neves
Academia das Ciências
Editorial Presença

«Liberdade e felicidade nem sempre caminham de mãos dadas. A liberdade pode ser usada tanto para o bem como para o mal, tanto para o vício como para a virtude, tanto para a ética como para o crime. Somos criaturas e pessoas dependentes da cultura ambiental: liberalismo económico, religião dos pais, desejo de consumo, política nacionalista. Somos nós e as nossas circunstâncias. Não há pessoas quimicamente puras. Se assim fosse, seríamos autómatos e não pessoas. Por vezes, são as aparências exteriores – dinheiro, vestir segundo a moda, bons empregos, poder político e económico – as que mais nos determinam. Mas também as ciências humanas, a filosofia, a psicologia, a psiquiatria, a parapsicologia e a religião cada vez mais surgem como objeto de procura e conhecimento. São

elas as que nos desafiam sobre o sentido da nossa vida: o que é a vida? De onde viemos? Para onde vamos? Quem somos nós para os outros e os outros para nós?»

Da Introdução

